

RESENHA

DUNNINGTON, Kent. **Vício e virtude**: a adicção sob uma perspectiva teológica. Trad. Breno Seabra. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; São Paulo: Pilgrim, 2022. 268 p.

*Paulo Francisco*²⁰⁰

O autor é professor associado no Departamento de Filosofia na Universidade de Biola e ministra disciplinas sobre lógica, filosofia da adicção e ética. É doutor pela Universidade A&M do Texas. Também, escreveu *Humility, pride, and Christian virtue theory*.

O livro, fruto de uma dissertação de doutorado e, portanto, rigorosamente teórico, é dividido em 8 capítulos e defende três teses gerais: primeiro, a conceituação coerente sobre a adicção²⁰¹ pela abordagem filosófica. A adicção não pode ser tratada como doença, como é, *grosso modo*, feita por clínicas de recuperação, nem como uma mera escolha. A natureza da adicção deve ser compreendida como hábito, “uma modificação adquirida relativamente permanente que permite à pessoa, quando provocada pelo estímulo relevante, agir de forma consistente, com sucesso e facilidade em relação a algum objeto” (p. 83). Se definida como doença, o agente perde sua responsabilidade por suas adicções; se definida como hábito, simplifica-se a complexidade da adicção.

Sendo de preocupação filosófica, Dunnington analisa o vício recorrendo à filosofia da ação humana de Aristóteles. O texto tende a ser mais técnico nessa parte: a ação virtuosa ocorre quando o julgamento, desejo e ação estão de acordo com o que é moralmente bom. Uma ação contingente ocorre quando o julgamento pelo que é bom está de acordo com a ação, mas o que se deseja é moralmente mal. Uma ação incontinente ocorre quando o julgamento do que é bom não está de acordo com o desejo e ação. Por último, uma *ação viciosa* ocorre quando o julgamento, desejo e ação estão de acordo com o que é mal (p. 48).

Também, Dunnington analisa a filosofia da ação de Tomás de Aquino. Pode-se sintetizar que a vontade humana é racional e não é separada do apetite. O conflito estaria quando o agente age de forma distinta do pensamento.

²⁰⁰ Graduado em Letras-Português pelo Instituto Federal de São Paulo, Campus Salto. É membro da Igreja Batista Reformada de Indaiatuba. E-mail: francisco.r.c.paulo2@gmail.com

²⁰¹ Escolho manter a tradução do tradutor do substantivo “adiction” e seus correlatos para adicção quando referida à dependência e comportamento vicioso e para vício quando referida à filosofia da ação humana de Aristóteles.

O autor diz metaforicamente que a adicção da contemporaneidade é um sintoma de uma sociedade que perdeu a teleologia²⁰² e assim volta-se para um objeto de adoração, nomeadamente, o sexo, pornografia, álcool, cigarro, etc., e recorre ao entretenimento devido ao tédio, que é diferente daquele do mundo antigo. Assim, os indivíduos adictos são profetas que criticam a cultura moderna.

Por último, a categoria teológica de pecado é determinante para o exame da adicção. Dunnington distingue pecado de adicção, mas concorda que a segunda é uma “espécie de adoração falsificada” (p. 11).

A adoração não está limitada ao culto público, mas a toda rotina de um indivíduo. Nessa forma, lê-se em Deuteronômio 6.5/7 (ACF): “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. (...) E as ensinarás a teus filhos e *delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te*” (Grifo meu). A pessoa adicta, no entanto, redireciona sua adoração de Deus e idolatra um objeto inanimado, como um líquido de compostos orgânicos. Dunnington justifica que o indivíduo se engana ao adorar outro objeto que não Deus, pois a adicção oferece uma falsa impressão de controle e ordenação da realidade do agente.

Dessa maneira, o que difere a adoração da adicção é o autoengano, que é um exercício de formação de identidade e controle. Por exemplo, o indivíduo adicto acredita que por meio da bebida, com o que tem uma íntima relação, encontrará algum sentido em sua realidade fragmentada. Em contraste, a adoração cristã não oferece um controle de mundo; o adorador verdadeiro reconhece sua incapacidade em entender a si mesmo e dar um sentido à vida. O viciado esforça-se pecaminosamente em controlar sua vida, o cristão²⁰³ reconhece sua limitação.

Isso indica que a igreja tenha um papel fundamental na recuperação do adicto, já que, lembrando, a adicção partilha de traços com a adoração. A partir disso, Dunnington formula uma crítica *cuidadosa* à igreja. O autor analisa o programa de doze passos, estrutura inicialmente do Alcoólicos Anônimos (A.A.), que parece, talvez para muitos, ser mais promissor do que a própria igreja. Entretanto, a igreja não tem a mesma missão do que as instituições seculares, logo, deve-se fazer esse tipo de comparação cautelosamente.

Como descreveu o autor, uma pessoa adicta em uma reunião do A.A., por exemplo, deve reconhecer Deus *na forma em que se o concebe*. Essa afirmação não poderia ser menos

²⁰² Teleologia (do grego *telos* = fim, propósito e *logos* = estudo, discurso) é a doutrina das metas.

²⁰³ É claro que há cristãos adictos. Aliás, o próprio capítulo específico sobre adicção e igreja pressupõe isso.

perigosa para a confissão cristã. Depois de identificar Deus segundo critérios pessoais, o indivíduo teria de identificar-se como adicto.

Dessa maneira, percebe-se uma inversão da teologia e doxologia cristãs: não se identifica segundo critérios bíblicos a quem se adora, mas se identifica (sou um adicto/alcoólatra) o adorador. Isso produz um senso de extrema autoconfiança e, logo, orgulho.

Vê-se que, nas narrativas bíblicas, a primeira identificação é a de Deus. Para ser mais exato, uma das mensagens bíblicas centrais é que o homem é totalmente dependente da autorrevelação divina, como se vê na pergunta retórica de Moisés “Quem sou eu...” (Êxodo 3.11) e “Qual é o seu nome?” (Êxodo 3.13). O movimento é vertical e descendente. Partir de uma autoidentificação inicial para somente depois identificar a Deus, ou primeiro identificar a Deus segundo critérios pessoais, corresponde à teoria do espelhamento de Ludwig Feuerbach, que diz: “A religião, pelo menos cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo ou, mais corretamente: com a sua essência”²⁰⁴. Feuerbach reduz a teologia à antropologia.

Dizer-se pecador não é igual à identificação, mas sim à relação com Deus. Não se pode classificar o pecado como elemento ontológico, pois Deus não criou a humanidade com pecado. O pecado, diz Dunnington, é “histórico e contingente” (p. 245).

Quanto à crítica à igreja, a falta de amizade, comunhão e comprometimento resultam em uma falta de confiança dos pecadores em relação à confissão de pecados. O discipulado envolve amizade e prestação de conta, algo que se encontra em uma reunião do A.A.

Por fim, a adicção é promissora porque oferece um conforto e ordenação falsa do caos *sem Deus*. Ela é ateísta, mas também ilusória, pois não se pode conhecer a si mesmo sem Deus; não se significa o mundo sem Deus.

Dunnington finaliza sua dissertação considerando que os adictos são profetas modernos que criticam e nos advertem sobre a incredulidade; são profetas que nos lembram que o coração humano foi criado para obstinadamente adorar e amar a Deus. Os adictos confrontam a superficialidade, a adoração medíocre e o farisaísmo que muitos de nós fazemos, pois se entregaram ao sexo, pornografia, álcool, cigarro, etc. com todo o coração, alma e forças. E nós, adoramos a Deus Assim?

²⁰⁴ FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 45.